

A BESTA (ΘHPION) NO APOCALIPSE: UMA DESCRIÇÃO

Nestor Paulo Friedrich

Introdução

Fico arrepiado só de ouvir os discursos sobre o diabo em nossos dias! Há um discurso sobre a realidade do mal que é aterrorizante! Incute medo! Gera submissão! Relega nosso mundo a um segundo plano, afinal, é o que dizem, ele está “endiabrado”. É importante percebermos que tal discurso não é inofensivo! Ao contrário, repercute negativamente em todos os setores de nossa vida. Por quê? Porque encobre uma realidade cruel de sofrimento, de morte, de violência, de exploração, de desumanização do ser humano e de manipulação das pessoas. Ao lidarmos com o tema em torno da realidade do mal, portanto, estamos diante de um tema complexo. Como lidar com um assunto difícil como este, principalmente em nossos dias em que a cosmovisão de mundo parece confirmar uma visão dualista de mundo – mundo real e mundo espiritual dominado por forças sobrenaturais, incluindo aí os demônios?

Quando recorremos ao Novo Testamento veremos que também aí há um discurso sobre o poder do mal. Este poder tem muitos nomes, não se apresenta de maneira uniforme, muito pelo contrário, tem muitos jeitos¹.

Vejam alguns exemplos: o mal age com poder, é chamado de Satanás (Mt 4,10; 12,26; 16,23; Lc 10,18; 1Cor 5,5; etc.); diabo (Mt 4,1; 13,39; Lc 8,12; Jo 6,70; etc.); Belzebu (Mt 10,25; 12,24; Mc 3,22; Lc 11,15; etc.); príncipe deste mundo (Jo 12,31; 16,11; etc.); Satanás e diabo é chamado de Beliar (2Cor 6,15), o inimigo (Mt 13,25); o Anticristo (1Jo 2,18.22; 4,3; 2Jo 7); a velha serpente (Ap 12,9); o dragão/besta (Ap 13,17 – a besta é mencionada 36 vezes no Apocalipse); potestade (Rm 8,38); é o chefe de uma legião de demônios, chamados espíritos imundos (Mt 10,1); anjos do diabo (Mt 25,41); manifesta-se num louco morando num cemitério (Mc 5,1s); no apóstolo Pedro que não quer deixar Jesus ir a Jerusalém (Mc 8,33). Para o Novo Testamento, o mal é uma realidade concreta, real, antagônica a Deus. Não se trata de alucinações! É um poder que ataca e ameaça o ser humano, um poder do qual não dispomos, que des-

1. Cf. BRAKEMEIER, Gottfried. Polígrafo sobre o tema *Exorcismo – Um posicionamento a partir do Novo Testamento*.

trói o ser humano, que afronta a proposta do Reino de Deus. Diante de tudo isto, o que faz a Bíblia?

1) A Bíblia corrige um falso discurso sobre o diabo – a mensagem do Reino destrói os poderes maus e liberta da possessão (1Jo 3,8). No livro do Apocalipse este processo de correção se dá via revelação. Retomo aqui a definição de Pablo Richard que diz ser o Apocalipse o contrário da ideologia. Enquanto a ideologia oculta a opressão e legitima a dominação, o Apocalipse revela através de mitos e símbolos onde está Deus e onde está o demônio nesta nossa história², assim como também desmascara ilusões e cria discernimento³;

2) A vinda do Reino de Deus implica na expulsão dos demônios (Mt 12,28; Lc 11,20; Mc 3,23s = Jesus veio para destruir o reino de Satanás).

A proposta deste artigo é fazer uma pequena abordagem de apenas um dos diversos rostos da realidade do mal como nós os encontramos no Novo Testamento. Queremos estudar, de forma breve, a besta no livro do Apocalipse. Especificamente a 1ª besta – θηρίον, o que ocorre nos seguintes textos: 11,7; 13,1-18; 16,10-16; 17,3-17; 19,17-21; 20,7-10. Há outras referências que aqui apenas relacionamos como 14,9; 15,2; 16,2.10.13.

1. A besta: Quadro comparativo

A seguir apresentamos uma comparação sinótica dos textos em que ocorre a menção da figura da besta no Apocalipse⁴. Chamo atenção para a caracterização da besta. A forma estética da besta, sua desformidade, sua impressionante desproporcionalidade, o seu poder limitado e sua oposição ao Cordeiro e seus seguidores:

2. Cf. RICHARD, Pablo. *Apocalipse: Reconstrução da esperança*, p. 20.

3. Cf. WINK, Walter. *A Besta do Apocalipse: A cultura da violência*, p. 84.

4. AUNE, David. *Revelation 17-22*, p. 941-944.

11,7	13,1-18		16,10-16	17,3-17			19,17-21	20,7-10
				Besta era (8a)	Besta era (8c)	Besta era (11a)		
				Besta não é (8a)	Besta não é (8c)	Besta não é		
Surge do abismo (7a) (= mar [Ap 9,1; 17,8; Dn 7,3])	Emerge do mar (1a)			Emerge do abismo (8a)	Aparecerá (8c)	<i>É o oitavo rei (11b)</i>		
				Besta escarlata(3b)				
	Tem 10 chifres (1b) (com 10 diademas)			Tem dez chifres (3d.7c.12.16)	Dez chifres (7c)			
					<i>Dez chifres = dez reis (12a)</i>			
	Sete cabeças (1b)			Sete cabeças (3c)	Sete cabeças (7c)			
					<i>Sete cabeças = sete montes (9c)</i>			
					<i>Sete cabeças = sete reis (9d)</i>			

1.1. Algumas observações sobre o quadro comparativo

Embora seja difícil descobrir o processo literário no Apocalipse, algumas pistas do mesmo na composição do livro são evidentes. Vejamos algumas!

A besta é introduzida abruptamente, pela primeira vez no livro do Apocalipse, em 11,7. O artigo definido para a besta indica que se trata de uma figura familiar para os ouvintes e leitores. A guerra entre a besta e os dois profetas é a primeira das guerras que irão se suceder no Apocalipse (12,17; 13,7; 19,19) culminando com a sua derrota definitiva em 20,7-10.

Apocalipse 13,1-18 é a narrativa mais longa e complexa sobre a besta. Isto leva a supor que também seja o texto mais recente porque inclui uma figura suplementar – a besta da terra que, posteriormente, é interpretada como o falso profeta. Nesta narrativa causa admiração a descrição da besta (veja quadro acima). Em primeiro lugar mencionam-se os 10 chifres, depois as sete cabeças e os nomes de blasfêmia. A boca é como de um leão. Não menos impressionante são os pés – como de urso. Estes símbolos não são desconhecidos, João os empresta de Daniel 7,1-8. A diferença entre Daniel e o Apocalipse de João é que ali representavam quatro diferentes reinos; aqui, na visão de João, simbolizam a realidade de apenas um poder, o poder do Império Romano enquanto síntese de todo o mal imaginável⁵. Este poder demoníaco persegue, blasfema, mata as testemunhas de Jesus Cristo, mas também seduz toda a terra. Afinal, o que João está vendo nesta besta? Segundo Wink⁶, João vê aquilo que para os outros é invisível (Ap 13,1.2.11), ele vê a realidade como ela é. Em *Naming the Powers*, Walter Wink desenvolveu a seguinte tese:

Os “principados e poderes” do Novo Testamento constituem uma categoria genérica que se refere às forças determinantes da existência física, psíquica e social. Esses poderes consistem normalmente de uma manifestação exterior e de uma espiritualidade interior ou interioridade. O poder tem que se encarnar, institucionalizar-se ou tornar-se sistêmico para tornar-se efetivo. Ele tem um aspecto duplo, possuindo ambos uma forma exterior, visível (constituições, juízes, polícia, líderes, complexos administrativos) e um espírito interior, invisível, que lhe confere legitimidade, submissão, credibilidade e influência⁷.

Segundo Wink, no mundo antigo as pessoas interpretavam a realidade com o único recurso que tinham à mão, qual seja, a projeção simbólica.

Elas tinham a capacidade de monitorar o presente impacto da espiritualidade de uma instituição como o Império Romano ou o sacerdócio, projetando-o sobre o cenário do cosmo na forma de imagens visuais, nas quais a interioridade da entidade social era percebida como uma entidade de pessoa: um anjo, um demônio, ou o diabo. [...] Alguns analistas desse fenômeno tenderam a desmascarar o espiritual como uma cortina de fumaça que mascara os determinantes materiais reais: sem

5. Cf. AUNE, David. *Revelation 17-22*, p. 941-944.

6. Cf. WINK, Walter. *A Besta do Apocalipse: A cultura da violência*, p. 85.

7. WINK, Walter. *Naming the Powers: The Invisible Forces That Determine Human Existence*, p. 4.

dúvida, isso aconteceu com frequência. Mas uma compreensão apropriada da dinâmica da projeção simbólica leva a uma conclusão bastante diferente: todo sistema econômico, todo aparato estatal e todo poder elitista *tem* uma espiritualidade intrínseca, uma essência interior, uma cultura ou um *ethos* coletivo, que pode ser decifrado diretamente a partir de sua manifestação exterior⁸.

O que na Antigüidade se chamou “espíritos”, “anjos” ou “demônios” eram entidades atuais, só que elas não estavam pairando no ar. Estes poderes estavam encarnados em celulose, em cimento, ou pele e ossos, ou no império, ou em seus exércitos mercenários⁹. O problema é que

o espírito demoníaco da estrutura exterior já fora internalizado pelo vidente, como acontecia com todos os demais. Este é o modo como o império ganha o assentimento da maioria. O dom do vidente não consiste em ficar imune à invasão pela espiritualidade do império, mas em ser capaz de discernir essa espiritualidade internalizada, dar-lhe um nome e externalizá-la. Isso força o demoníaco, que se escondera, a aparecer. O vidente pode agora ouvir a sua própria voz entoando os *slogans* dos poderes, pode ver que esses *slogans* não passam de mentiras, e ganha força para expulsá-los. Localiza a fonte de onde vem o canto, que está fora dele, e ganha liberdade¹⁰.

Como é que podemos perceber estas diferentes dimensões nos textos relacionados com a besta? A segunda narrativa mais longa (veja quadro acima) é Apocalipse 17,3-17. Se em 13,1-18 temos a descrição da besta como aquela que tem 10 chifres e 7 cabeças (1a), aqui temos a interpretação destes símbolos, ou seja, sua dimensão real, concreta. Não há dúvidas que, a partir de Apocalipse 17, a besta é “um símbolo ou mito para identificar, pensar e criticar o Império Romano”. [...] No capítulo 17 do Apocalipse, identifica-se claramente a Besta com o Império Romano, e a meretriz que cavalga sobre a besta é identificada como Roma, chamada a Grande Babilônia¹¹. A besta representa o espírito do Império Romano.

Aqui talvez seja importante fazer uma breve observação sobre o uso dos símbolos no Apocalipse. João usa com maestria e criatividade um impressionante número de símbolos: cores, números, animais, monstros; estrelas e elementos do cosmo, anjos, etc. Convém verificar se o próprio texto não nos dá pistas para a compreensão dos mesmos sem cairmos na tentação de nos precipitarmos na interpretação destes, como é o caso, por exemplo, da besta. Vejamos quatro razões:

- Há símbolos que o próprio autor do livro do Apocalipse se encarrega de explicar (1,20; 11,8; 13,18; 17,5; 17,9);
- Há símbolos que apresentam alguma facilidade de interpretação porque são de domínio universal ou quase isto (6,4: grande espada = representa a morte vi-

8. *Ibidem*, p. 4.

9. *Ibidem*, p. 5.

10. Cf. WINK, Walter. *A Besta do Apocalipse: A cultura da violência*, p. 85.

11. Cf. RICHARD, Pablo. *Apocalipse: Reconstrução da esperança*, p. 194-195.

olenta e a guerra; o número 4 (7,1; 9,14-15) = fenômeno universal = quatro cantos da terra);

- Há inúmeros símbolos relacionados com o Antigo Testamento. Neste caso a compreensão dependerá do conhecimento do AT;
- Há símbolos que são fruto da atividade criativa do próprio autor do Apocalipse. A proporção de símbolos obscuros em comparação com o todo do livro é mínima.

Os dois últimos textos do quadro acima, Apocalipse 19,17-21 e 20,7-10, mostram a besta e os reis da terra prontos para a luta contra o Cordeiro. A vitória, contudo, é tão certa que mesmo antes da luta já há festa no céu (19,1s). O que surpreende é que não há guerra. Tanto a besta quanto o falso profeta são lançados no lago de fogo e enxofre. O Cordeiro vence os seus inimigos com extrema superioridade. Na verdade esta guerra já fora vencida pela ressurreição de Cristo e pelo testemunho daqueles/as que creram (12,11).

Conclusão

Pelas publicações populares do Apocalipse nos últimos anos, a besta é mais popular que o Cordeiro. Apocalipse, um livro não apenas cristão mas profundamente cristológico, foi distorcido pelo interesse desproporcional pela besta enquanto besta e não enquanto processo de desmistificação de um sistema de dominação que transcendia as suas corporificações¹². Embora a besta tenha seu lugar na luta que se trava no Apocalipse, está longe de ser a figura central. A figura central é Cristo, sua morte, ressurreição e luta contra o império da besta. Penso que o problema está em que o discurso atual sobre o demônio apenas confirma a realidade e não a desmascara, não lhe dá um nome concreto, mas permanece como uma “força oculta” controlada por alguns “iluminados”. Pior ainda é que este discurso provoca medo, pessoas dóceis, coniventes e não um processo de libertação que gera coragem, catarse, esperança e resistência como acontece no Apocalipse. Ou então, como afirma Walter Wink¹³, deixa “longe da vista e da consciência as estruturas altamente contingentes da opressão atual” e as apresenta “com circunstâncias gerais”, mascaradas “como o estofamento permanente do universo”, fazendo com “que pareçam obra divina, eis o gênio da arte de iludir.” Este jogo do poder é desmascarado por João de forma veemente quando caracteriza o Império Romano como a besta. No Apocalipse, em momento algum, as testemunhas do Cordeiro abrem mão da boa criação de Deus, deste mundo, em favor do diabo. Não há motivos para temer a besta. Ao contrário, diante das estruturas que querem ocupar o lugar de Deus e exigem adoração o Apocalipse chama à resistência. Contudo, não basta apenas desmascarar a besta, é preciso também curar igualmente a “vontade escrava das vítimas”¹⁴.

12. Cf. WINK, Walter. *A Besta do Apocalipse: A cultura da violência*, p. 86.

13. *Ibidem*, p. 84.

14. *Ibidem*, p. 91.

Bibliografia

- AUNE, David E. *Revelation 6-16*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1998. World Biblical Commentary, v. 52B.
- *Revelation 7-22*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1998. World Biblical Commentary, v. 52C.
- BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Trad. em português por João Ferreira de Almeida [Ed. rev. e atualizada no Brasil]. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- RICHARD, Pablo. *Apocalipse: Reconstrução da Esperança*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- WINK, Walter. A Besta do Apocalipse: A cultura da violência. In: *Concilium*, São Paulo, v. 273, n. 5, p. 84-92, 1997.
- *Naming the Powers: The Language of Power in the New Testament*, v. 1. Philadelphia: Fortress Press, 1984.

Pastor Nestor Paulo Friedrich
Rua Jacob Pilger, 78
93890-000 Nova Hartz, RS
e-mail: npfriedrich@uol.com.br